

ROTEIRO DO CAFÉ EM CAMPINAS (SP) A PARTIR DAS TERRAS QUE
PERTENCERAM AO BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO DE SOUZA QUEIROZ

Maria Rita Silveira de Paula AMOROSO

Aluna do curso de Pós-Graduação da Faculdade de
Arquitetura FEC-UNICAMP
Orientadora: Profa. Dra Regina TIRELLO
Co-orientador: Prof,Dr.Evandro ZIGGIATTI.

Resumo

Esta comunicação visa apresentar um estudo de paisagem cultural, com destaque para as questões arquitetônicas e históricas da região leste da cidade de Campinas. Os aspectos paisagísticos do território em estudo revelam uma potencialidade para a implantação de um roteiro turístico – roteiro do café - na região que, dada a sua formação histórica, é de grande representatividade do ciclo cafeeiro paulista. As condições ambientais locais marcadas, entre outros, por diversos acidentes geográficos, fizeram com que, no processo de formação da metrópole campineira, esta área remanescesse como área rural. Hoje a mesma está inserida, na sua grande maioria, na Área de Preservação Ambiental (APA) definida pela legislação municipal. O roteiro turístico em estudo – roteiro do café - procura valorizar as fazendas de café do século XIX, na sua grande maioria implantadas em terras pertencentes ao Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz e seus descendentes. A investigação em curso analisa as possibilidades e fundamentações para a realização de um roteiro turístico com a intenção de potencializar sua proteção e promover o desenvolvimento sustentável.

Palavras Chaves: arquitetura rural, circuito turístico, paisagem, patrimônio ambiental.

Abstract:

This communication aims to present a study of the cultural landscape with an emphasis on environmental issues both architectural and historical in the eastern sector of the city of Campinas.

The landscaping area of the territory under study shows potential for the deployment of a tourist route - itinerary for coffee - in the region. Because of its historical background it is very representative of the development of the coffee cycle in the São Paulo area. The environment marked by various geographic features and others has preserved this metropolitan area in its rural state. Today it is established in the main by the Area of Environmental Protection (APA) as defined by municipal law. The tour under study - the coffee route - attempts to give value to the coffee plantations of the nineteenth century, which were mostly found on land owned by Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz and his descendants. The current research examines the possibilities and

seeks to justify a sightseeing tour with the intention of strengthening, protecting and promoting sustainable development.

Keywords: environmental heritage, landscaping, rural architectural, tourist route.

Introdução

Os remanescentes paisagísticos, históricos, arquitetônicos e culturais que atualmente se acham imersos na região Metropolitana de Campinas, marcada por uma expansão e ocupação espraiada, revelam um potencial para a implantação de um roteiro turístico temático – o roteiro do café.

A partir da reconstituição histórica do processo de ocupação e parcelamento do território pela família do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz, a investigação em curso procura identificar o patrimônio construído, sobretudo as sedes de fazendas, os complexos produtivos do café, suas colônias e as estações ferroviárias das rotas coletoras da produção.

Essa proposta orienta-se pelo estudo e identificação do processo de desmembramento das grandes propriedades do Brigadeiro Luiz Antonio de Sousa Queiroz para, em seguida, conferir a este personagem e seus descendentes o papel de fio condutor de um percurso de resgates e valores de caráter material e imaterial, ainda hoje presentes nos espaços, equipamentos e locais abarcados por estas propriedades. A pesquisa trabalha inicialmente com as primeiras quatro fazendas que fizeram parte do latifúndio do Brigadeiro.

1. Em meio às marcas históricas de ocupação

Campinas divide-se na atualidade em 9 macro-regiões; a macroregião leste, conforme podemos observar nas Figuras 01, 02, 03 e 04, encontra-se ocupada por condomínios de luxo, centros de pesquisas tecnológicas, universidades, shoppings centers, centros empresariais, entre outros equipamentos e áreas, que se acham localizados em meio a importantes bacias hidrográficas (Atibaia e Jaguari) e numa extensa área de preservação ambiental. A região registra também a presença de 35.972 habitantes.

O Roteiro do Café propõe-se a desenvolver e conduzir uma leitura acerca dos remanescentes paisagísticos, históricos, arquitetônicos e culturais que, neste momento,

se acham imersos na região Metropolitana de Campinas cuja expansão e ocupação espraiada tem-se dado de forma insensata.

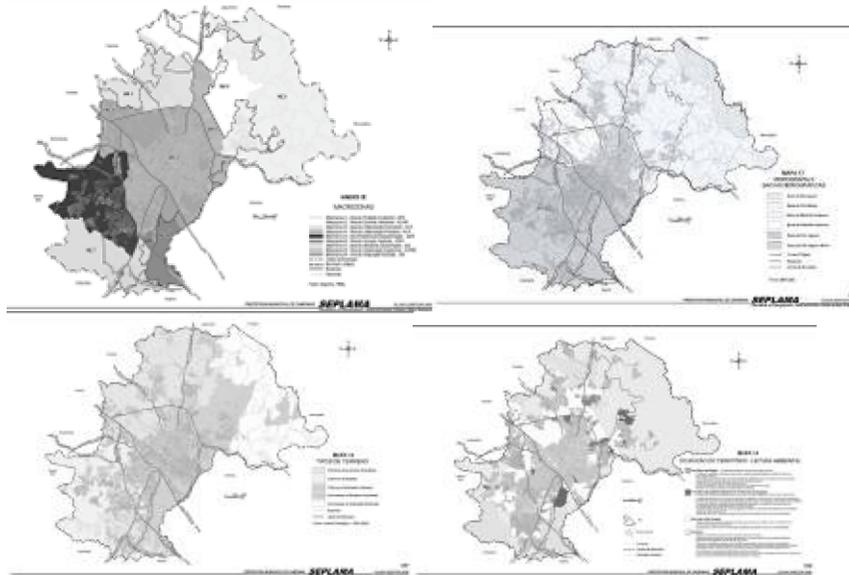


Figura 01, 02, 03 e 04 - Mapa do município de Campinas mostrando as macrozonas, bacias hídricas, tipos de terrenos e ambiental. Fonte: Prefeitura Municipal de Campinas - SEPLAMA - Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente

2. Terras cafeeiras

O território abarcado pela atual macroregião Leste de Campinas integrou, entre o final do século XIX e início do XX, uma paisagem cafeeira muito peculiar. Seus terrenos foram moldados por ações e processos ligados à grande produção agrícola do café e a um desenvolvimento industrial cuja lógica de ocupação geográfica e de planejamento urbano também se definiram pelo apoio a esta economia. Nele encontramos as principais fazendas do latifúndio do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz, propriedades, identificadas na Figura 05 que continuam ainda hoje revelando suas marcas sobre o território.



Figura 05 - Mapa dos latifúndios pertencentes ao Brigadeiro Luiz Antonio.
Fonte: Biblioteca Municipal de Campinas: Mapas de 1929: Município de Campinas

3. As quatro principais fazendas do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz em Campinas-SP

3.1 Fazenda Santa Genebra

O Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz nasceu em Amarante, Portugal, em 1746, e faleceu em São Paulo, em 1819. Foi um militar luso-brasileiro e recebeu a patente de “Brigadeiro” quando passou à reforma, em 1818. Foi grande negociante, proprietário do primeiro navio que saiu do porto de Santos com mercadorias paulistas destinado a Lisboa, além de patrocinador (financiador) de diversas obras do Governo da Província de São Paulo e promotor de ações caritativas.

Pioneiro no desenvolvimento da economia paulista, coube-lhe introduzir na Província os rudimentos de um sistema de crédito bancário. As aplicações de capital na região, desconhecidas até então, renderam-lhe a rápida fortuna. O Brigadeiro também foi sócio do senador Vergueiro numa grande empresa agrária, a firma Vergueiro & Souza, que mesmo após sua morte teve continuidade. Prolongou-se até o casamento da viúva, Genebra de Barros Leite, com o futuro Regente do Império e Marquês de Monte Alegre, ocasião em que seus lucros foram repartidos entre diversos herdeiros (AMOROSO, 2007). Mas, em complemento ao sucesso nos negócios, a família Souza Queiroz, à semelhança dos demais latifundiários, também promovia seus interesses econômicos e políticos por meio dos laços consanguíneos a exemplo de sua ligação com o Marquês de Valença, que

casou com sua filha Ilidia Mafalda de Souza Queiroz, de 7 anos, através de uma procuração.

Com a fundação de Campinas em 1799 surgem diversos engenhos em terras pertencentes ao Brigadeiro Luiz Antonio, instalados entre o Ribeirão Quilombo e a Estrada de Goiás (atual Rodovia Campinas Mogi Mirim). Vamos encontrar a sesmaria originalmente denominada Nossa Senhora do Carmo do Morro Alto, atual Fazenda Santa Genebra, doada em 1799 pelo Conselho Ultramarino para a família do Brigadeiro Luiz Antônio de Souza Queiroz, herdada por seu filho, Francisco Inacio de Souza Queiroz. Este, ao falecer, a deixa como herança para suas duas filhas Genebra de Souza Queiros e Isabel Augusta. Genebra (1826-1855), casada com Luiz Ribeiro de Souza Rezende (1827-1891), filho dos Marqueses de Valença, torna-se a principal herdeira dessa fazenda. Com a morte de Genebra, o imóvel foi adquirido em 1.850 pela família do Marques de Valença, seu sogro, e posteriormente herdada por seu filho mais novo, Geraldo Maria Ribeiro de Souza Rezende. Este se instalou no local em 1.876.

A fazenda, que iniciou com o plantio da cana de açúcar em 1876, já em 1900 se tornava a maior produtora de café do Estado de São Paulo. O Barão Geraldo de Rezende foi o proprietário da maior fazenda modelo de café do final do século XIX, a fazenda Santa Genebra, (Figura 06), no estado de São Paulo, nesta cidade de Campinas. Foi também o construtor da Companhia Carril Funilense localizada dentro de suas terras (estrada de ferro que interligava núcleos coloniais regionais com a cidade de Campinas, além de escoar a produção cafeeira do Barão). Tinha como tios pelo lado materno: o Barão de Limeira (Vicente de Souza Queiroz) e o Barão Francisco Antonio de Souza Queiroz, filhos do Brigadeiro. Recebeu a fazenda Santa Genebra como herança da avó materna e do avô materno herdou a fazenda Rio das Pedras. (Figura 07). As duas fazendas, Santa Genebra e Rio das Pedras, deram origem ao distrito de Barão Geraldo, em Campinas, assim chamado em sua homenagem. Suas terras situam-se no contato entre duas importantes formações geomorfológicas do estado de São Paulo: a Depressão periférica e o Planalto Atlântico paulista. Situadas dentro da área mais valorizada do território, possuem ainda a maior reserva de mata atlântica preservada. Essa mata aberta ao público e às pesquisas foi tombada pela CONDEPHAT.

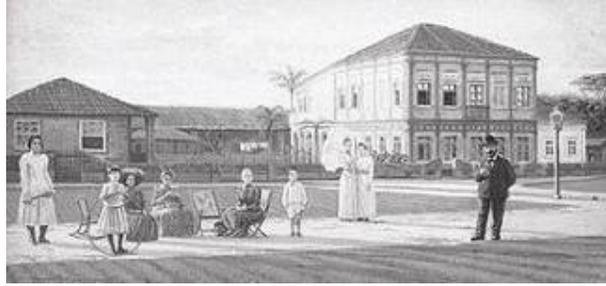


Figura 06 - Aquarela da Fazenda Santa Genebra: o Barão Geraldo de Rezende e sua família. Fonte: Acervo do MIS - Campinas-SP.

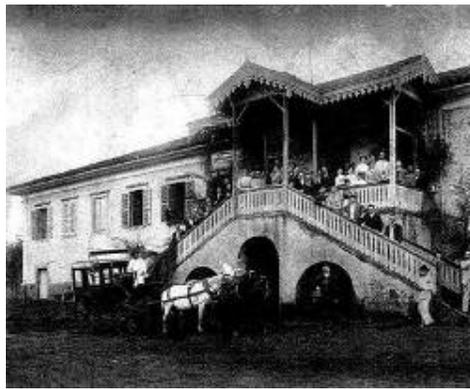


Figura 07 - Sede da Fazenda Rio das Pedras, com a família .
Fonte: pro-memória-de-campinas-sp. 2008

3.2 Fazenda São Vicente

O Barão de Limeira, Vicente de Souza Queiroz, foi também proprietário de várias fazendas parceladas do latifúndio do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz, como a fazenda São Vicente e a fazenda denominada Fazendinha. A Baronesa manteve suas terras e sua produção cafeeira em expansão, mesmo viúva, graças aos filhos e aos importantes laços de parentesco.

Segundo Ferrão (2004, p.118), o processo de produção industrial do café, quando desenvolvido integralmente na fazenda ocupava, nos vários estágios, estruturas que poderiam ser consideradas elementos básicos do planejamento da propriedade. Estas estruturas compunham-se de elementos destacados pela importância que cumpriam no espaço produtivo, pois, sem eles, não se poderia obter os cafés beneficiados, prontos

para a exportação ou torrefação. Estes elementos básicos formariam um núcleo industrial da fazenda cafeeira, composto pelo terreiro (e seus acessórios), pela tulha e pela casa de máquinas, com seus componentes.

A Fazenda São Vicente, que permanece como propriedade dos herdeiros do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz, mantém na atualidade o núcleo industrial da fazenda cafeeira estudado por Argollo, com terreiro totalmente fechado em tijolos, a tulha, casa de máquinas e serraria, também construídas com os mesmos tijolos fabricados na fazenda e cobertas com telhas de barro sobre estrutura de madeiras aparentes. Sua sede (projeto de autoria de Ramos de Azevedo), está representada por uma arquitetura eclética do último quartel da República totalmente construída utilizando não mais a taipa mas o tijolo, telhas de Marselha, vitrais, pinturas murais, ferro fundido nos gradis, calhas e condutores de cobre e todo o requinte da época, pois se reportava também aos mesmos códigos de posturas que já estavam sendo implantadas nas áreas urbanas. De acordo com Wladimir Benincasa, "a alteração da planta, residencial, inspirada no padrão francês, cresceu com a inclusão de diversos cômodos", com funções inimagináveis em terras paulistas: vestíbulos, salas para música, salão de jogos, fumoir, escritórios, copa, etc. de acordo com as regras, higienistas, amplamente divulgadas no final do século XIX, todos esses cômodos deviam ser suficientemente iluminados, o que gerou inúmeras saliências na planta, cujos espaços restantes, ao serem cobertos, tornaram-se alpendres de vários tamanhos, e nas várias faces das edificações." (BENINCASA, 2003: 291)

Possui também capela e o último remanescente de casa da colônia dos imigrantes italianos totalmente restaurada.

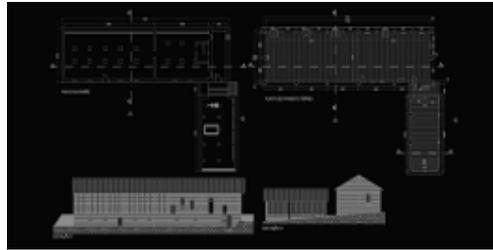
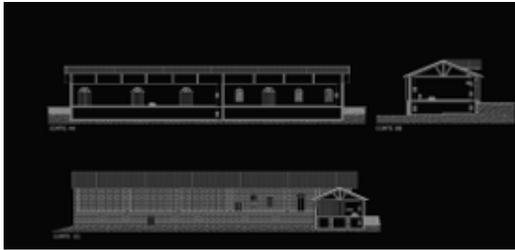


Figura 08 - Vista aérea da Fazenda São Vicente, mostrando sua mata ao lado direito do marcador.

Fonte: Google Earth (2008).

Figura 09 - Fazenda São Vicente - Vista geral dos nove terreiros de café restaurados que somam 15.200 metros quadrados. Fonte: Google 2010.

Figura 10 - Terreiro restaurado.

Figura 11, 12, 13 - Estruturas produtivas. Fonte: Amoroso M.R. (2006)

Esta fazenda possui também um trecho de mata nativa (na área envoltória) tombada pelo CONDEPACC. No auge da produção cafeeira para acelerar o transporte dos grãos beneficiados, contava com um ramal da ferrovia Mogiana em suas terras, através da Estação Gety, que a interligava ao porto de Santos. Esse percurso do trem, denominado Maria Fumaça, também está tombado pelo CONDEPACC.

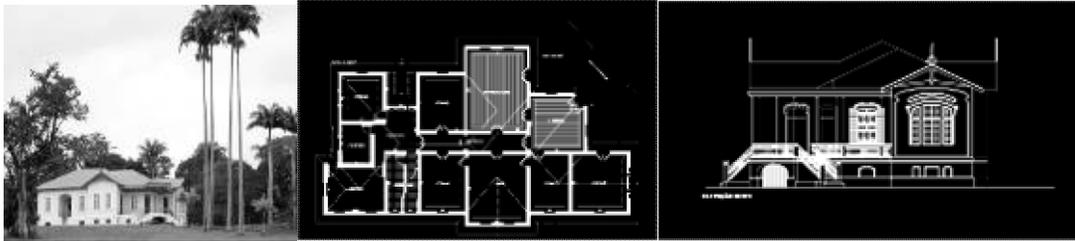


Figura 14, 15, 16 - Sede, planta principal, elevação oeste. Fazenda São Vicente em Campinas-SP
Fonte: Amoroso M.R. (2007)

A sede foi construída na mesma época em que o Engenheiro Arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo realizava a construção de fazendas em São Carlos, várias delas pertencentes à família da Baronesa de Limeira. Esta situação nos sugere que as terras do Brigadeiro ultrapassavam as fronteiras deste município. O Engenheiro Arquiteto Ramos de Azevedo acompanhou e construiu não apenas a fazenda São Vicente em Campinas, mas também a fazenda Jambeiro, pertencente ao latifúndio da Fazenda Sete Quedas. Foi ainda o responsável pela ampliação da fazenda Pau D'Alho, desmembrada de um outro latifúndio denominado Anhumas.

Na verdade, para além da área de produção, todo um saber técnico dava lugar a uma nova maneira de morar. E foi neste período, com a chegada da República e do ecletismo, que aconteceram as alterações nos partidos arquitetônicos. Introduzia-se uma nova concepção na maneira de iluminar e ventilar as construções, que assumiria em seguida o formato de lei, passando a exigir e listar através dos novos códigos as condições consideradas mínimas para se alcançar maior salubridade. Nas palavras de Carlos Lemos:

“É claro que os fazendeiros mais esclarecidos tratavam, dentro das possibilidades, de evitar, sobretudo as alcovas abafadas e escuras, já, inclusive, condenadas por engenheiros e tratadistas. Em 1880, por exemplo, César de Rainville publicou no Rio um livro, de ampla repercussão à volta da Corte, em que condenava aqueles locais de dormir. [...] O fato é que a partir da zona campineira vemos, mormente nas grandes casas de fazenda de café, um desejo expresso e voluntário de construir o menor número possível de alcovas”. (LEMOS, 1999, p. 211)

E o campo também se beneficiava desta nova maneira de morar, restando-nos testemunhos importantíssimos que necessitam urgentemente de proteção e divulgação

de sua história, É o caso das fazendas São Vicente e Pau d'Alho, mais detalhadas nesse artigo. As outras fazendas listadas encontram-se em fase de estudo.

3.3 Fazenda Pau D Alho

Originou-se do desmembramento da sesmaria de Antonio Cerqueira Cesar, concedida em 1788¹. Em 1885 foi vendida ao Comendador Manoel Carlos Aranha², depois Barão de Anhumas. Em 1900 o café passa a ser seu principal produto, com a produção de 14.000 arrobas de café. A Baronesa de Anhumas, Brandina Augusta de Queiroz Aranha (do ramo Pereira de Queiroz de Jundiai) foi proprietária da fazenda por 43 anos passando, por ocasião do seu falecimento em 1928, por herança, à filha Ana Brandina de Queiroz Aranha de Arruda Botelho, nora dos Condes do Pinhal, que enfrentou graves crises, notadamente a crise mundial de 1929 (descendente da família Souza Queiroz). Em 1946 o neto do Barão vendeu-a para o casal de holandeses Jacques Jacob Roster Dutihl e Marguerite H.R.A Dutihl, proprietária até os dias de hoje. A fazenda é composta hoje por edifícios remanescentes do complexo cafeeiro: sede neoclássica assobradada, casa do administrador, antiga escola–moradia, jardim da sede, parte da senzala, muro de taipa de pilão contíguo à capela.



Figura 16 - Casa de máquinas e tulha, início do século XX
Fonte : Thais Mendonça 2010

¹ Ano 1830-Cartorio do 3 Ofício –Caixa 256-Processo n 6626

² Ano 1894-Cartorio do 3 Ofício –Caixa 388-Processo n 7686



Figura 16 - Sede Fazenda Pau D'Alho.
Fonte : Google 2012

O conjunto é formado por cinco edifícios. O edifício sede possui uma parte ao rés do chão e outro com porão alto, reforma também atribuída a Ramos de Azevedo com elementos classicizantes ao gosto do ecletismo vigente, como colunas com pinturas marmorizadas, entablamentos, janelas em arco pleno, embossamentos. Parte da sede possui uma conformação de planta em U. Seu jardim é circundado por muros localizados em frente ao alpendre além de vários exemplares centenários da árvore Pau d'Alho.³ (Condepacc 2009)

Uma outra edificação em taipa de pilão encontra-se ao lado da sede e serve atualmente de casa do atual administrador. A senzala está à sua esquerda e se alonga com vários lances sucessivos até a capela onde a partir desta se conformava o quadrado. Agenciamento típico do partido cafezista da região de Campinas, à frente da casa do administrador em forma de U se encontram os terreiros de café⁴ (Figura 17,18).

A sede possui fundações de pedra, as estruturas do piso e da cobertura são de madeira. Paredes de tijolos, envasaduras de madeira, telha de barro. O muro, senzala e capela fundação de taipa, paredes de taipa de pilão e alvenaria de tijolos, estrutura da cobertura madeira com telha capa e canal em telhado de duas águas. Na casa do administrador, paredes de taipa de pilão e alvenaria de tijolos, estrutura da cobertura em madeira e telhas cerâmicas francesas, telhado com várias águas, envasaduras de madeira. (Mendonça 2010)

³ Condepacc (Fls 46-06/05/2009)

⁴ Condepacc (Fls 102/05/2009)

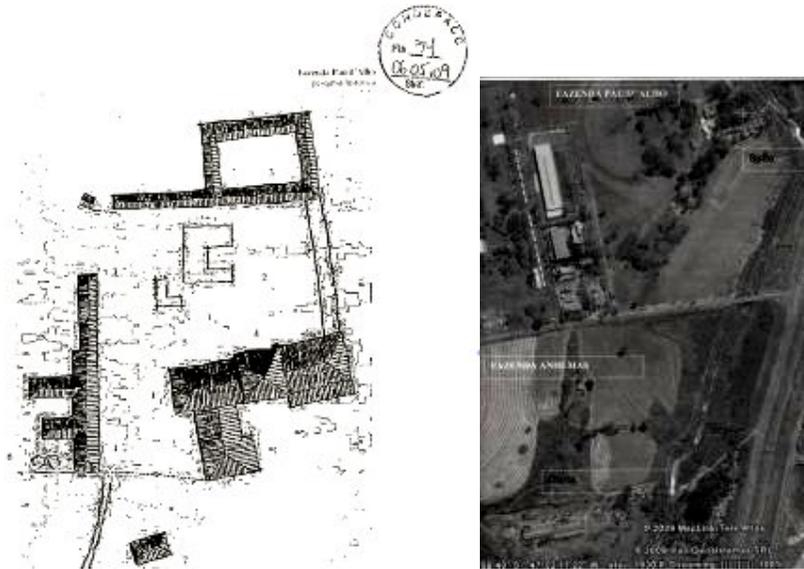


Figura 17 - Planta de reconstituição hipotética do conjunto arquitetônico (sem escala)

Fonte : CONDEPACC folha 74/2009

Figura 18 - Localização Fazenda Pau D'Alho. Fonte: Google 2009

3.4 Fazendinha

[...] conserva, do período, um grande quadrilátero com pátio central erguido em taipa de pilão e pau-a-pique. Embora desativado e posteriormente adaptado à cultura do café (e hoje abandonado), é possível identificar nesses espaços parte do programa de necessidades do antigo engenho: o tendal na parte assoalhada, a senzala na ala de pé-direito menor, e as fornalhas no amplo espaço oposto à porta de entrada. A residência principal muito modificada na época do café, quando teve duplicada sua área construída, ainda é possível reconhecer a antiga moradia na construção que ocupa toda a ala direita, que conserva a planta original em L e o esquema de organização espacial interno típico da arquitetura açucareira, que, na fachada frontal, dispunha as salas sociais; no miolo da casa, as alcovas e os quartos; na parte posterior, a varanda ou sala de jantar; deixando, na parte alongada do L, em uma espécie de puxado, a área de serviço. A julgar pelas suas dimensões, essa ala poderia acomodar outras funções além das atividades estritamente domésticas. Com a construção da nova moradia, apoiada tecnicamente na parede lateral pré-existente, surgiram duas residências, que tiveram suas fachadas unificadas a partir da inserção do alpendre frontal, que dá acesso ao pavimento nobre. As alterações na planta (originalmente em L transformada posteriormente em E) acabaram gerando espaços duplos e complexos. Este importante exemplar da primeira metade do século XIX, mostra com nitidez a preferência pela implantação em meia encosta, que aproveitava o

desnível do terreno para erguer a fachada frontal, tornando-a assobradada. A parte posterior, embora profundamente alterada, apresenta-se, na ala direita, com dois pisos; e térrea na ala esquerda. Assim, todo o rés-do-chão forma um vasto porão de pé-direito irregular, cujos cômodos serviam de depósito. Convém notar que esse espaço não se comunicava internamente com o pavimento superior (SILVA, 2006)



Figuras 19 e 20 - Fazenda Fazendinha, do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza e Queirós com sua residência assobradada. Fonte: Silva (2006, p. 9)

4. A implantação das Fazendas do Brigadeiro

Os levantamentos realizados por Celso Melo Pupo nos auxiliam a estudar a formação do latifúndio do Brigadeiro que, a partir de 1800 adquire propriedades entre os rios Atibaia e Jaguari, seguindo-se a aquisição de terras ao norte até a proximidade do rio Anhumas totalizando 10.932 alqueires, mantidos em sociedade com o irmão, Francisco Antonio, fundador da família Souza Queiroz no estado de São Paulo.

E através de estudos complementares, conseguimos identificar a constituição de mais uma fazenda nas mesmas terras pelos seus descendentes, como o latifúndio vizinho à Fazenda São Vicente, a Fazenda Atibaia - hoje conhecida como "Fazendinha" - que também pertenceu à Baronesa de Limeira até sua transmissão para a filha, Dona Sebastiana de Souza Queiroz. Até os dias de hoje, aliás, estas terras ainda pertencem aos seus herdeiros⁵.

⁵ Diz a Carta de Sesmaria de Alexandre Barbosa de Almeida e outros, de 28/2/1800, com a testada da estrada de Goiás, entre os rios Atibaia e Jaguari, cuja margem percorre até "entestar com a sesmaria do cel. Luís Antonio de Souza", Ao norte dessas terras, estão outras adquiridas por escritura de 13/6/1800, em sociedade com Inácio Ferreira de Sá, comunhão que se desfez posteriormente, tornando certo, como indica

5- Roteiro das Fazendas do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz em Campinas

O Roteiro do Café tem como propósito circular pela região leste do município de Campinas, buscando identificar parte das terras que pertenceram ao Brigadeiro e seus descendentes no século XIX e que ainda hoje guardam testemunhos de uma importante trajetória de constituição, desenvolvimento e transformação urbana e rural. Estas terras abarcaram em seu conjunto um total de 16 fazendas, constando entre elas as fazendas 1-Mato Dentro (Jaguari), 2-Anhumas desmembrada nas fazendas Santa Cândida, Anhumas (Pau-Grande), Pau D'Alho, 3-Monjolinho, 4-Morro Grande (Rio das Pedras) e 5-Morro Alto (Santa Genebra), 6-Atibaia (Fazendinha), 7-São Vicente, 8-Campos da Bahia (sesmaria em Americana), 9-Saltinho da Barra do Pirapitingui, 10-Fazenda Angélica, 11-Atalaia, 12-Iracema, 13-Jurema (São Domingos), 14-Quilombo, 15- Serra D'Água e 16- Tapera. Esse roteiro embasado na pesquisa em desenvolvimento sobre a região leste do município de Campinas, trabalha a leitura das marcas deixadas como testemunho de uma história, através de fazendas, caminhos, da própria Maria Fumaça, e das matas nativas inseridas dentro deste território. A valorização dessas terras é imensa e vemos a cada dia desaparecer parte de nossa história. Trabalhar o turismo sustentável e a educação patrimonial será o primeiro passo para avançarmos com sua preservação.

Essa sequência de caminhos turísticos que nos levam ao entorno dessas propriedades poderão minimizar sua perda, sensibilizando seus proprietários e a população para sua proteção e sua valorização como história material e imaterial.

a vizinhança com Alexandre Barbosa de Almeida, que à Fazendinha pertenciam terras das fazendas que chegaram a netos do Brigadeiro, Iracema e Atalaia. Aproximando-se de Anhumas, ao mesmo pertenceu à fazenda São Vicente, esta ainda em poder de seus descendentes, originada em escrituras de 9/10/1813 e 23/8/1814. Luiz Antonio foi o maior proprietário de engenhos em Campinas, onde não residiu. A casa da Fazendinha possui mobiliários dos Barões de Limeira (PUPO, 1998).

Conclusão

Esta área de estudo envolve um percurso rico em história, arquitetura, paisagens e culturas; ao mesmo tempo em que a questão de sua preservação nos impõe a urgência de conduzir uma reflexão acerca da expansão urbana que invade sem preocupação essas áreas, enquanto toda uma população aí remanescente desconhece o valor deste passado e o quanto ele se acha associado à sua própria história.

A influência do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiros não terminou com sua morte; ela segue até os dias de hoje e se acha presente, inclusive, na alta valorização de terras oriundas de seus antigos latifúndios. Nosso roteiro pretende ser um caminho de discussão em meio aos testemunhos deste processo.



Figura 21 – roteiro parcial das 4 fazendas do latifúndio do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiroz. Fonte: Google 2011

Referências

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *Arquitetura do Café*. Campinas [BRA]: Editora da Unicamp, 2004; São Paulo [BRA], IMESP, 2004. 296p.il.

AZEVEDO, Ramos de. *Projetos realizados pelo escritório de Ramos de Azevedo*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo São Paulo: USP, [s.d.].

AMOROSO, Maria Rita Silveira de Paula, *Arquitetura campestre na obra de Ramos de Azevedo. A arquitetura rural campineira: a Fazenda São Vicente em Campinas*. 2007 (Dissertação de Mestrado em Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas, [BRA], 2007

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Repertório das Sesmarias concedidas pelos Capitães Gerais da Capitania de São Paulo desde 1721 até 1821*. São Paulo: Secretária da Educação e Saúde Pública; Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1944. V.6. 1994p.

BENINCASA, Vladimir. "Velhas Fazendas: arquitetura e cotidiano nos Campos de Araraquara 1830 a 1930". São Carlos, EdUFSCar ; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, p.290, 2003.

LEMOS Carlos A. C. *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

MENDONÇA, Thais Carneiro de. *Técnica e construção civil em Campinas*. 253f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Escola de engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo 2010.

PUPO, C. M. M. *Campinas: município do Império*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

Prefeitura Municipal de Campinas --SEPLAMA Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente

Prefeitura Municipal de Campinas --SEMURB Secretaria Municipal de Urbanismo-
Prefeitura Municipal de Campinas -CSPC-CONDEPACC.

SILVA, Áurea Pereira da. *Engenhos e fazendas de café em Campinas (séc. XVIII- séc XX)*. Anais do museu paulista, v.14, n.1, p.81-119, jun. 2006.

Mídia digital

GOOGLE MAPS. Disponível em: <maps.google.com.br> Acesso em: 2010.

<http://www.panoramio.com/photo/2045923>

<http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2008/07/memria-fotografica-sede-da-fazenda-rio.html>http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fazenda_sta_genebra.jpg

Lago, Bia Corrêa do; Corrêa do Lago, Pedro. Coleção Princesa Isabel: Fotografia do século XIX. Rio de Janeiro: Capivara, 2008. ISBN 9788589063258

<http://www.geni.com/people/Luis-Ribeiro-de-Souza-Resende/6000000015706558333>

<http://www.scielo.br/img/revistas/anaismp/v17n2/13f07.gif>

<http://ospaesdebarrossaopaolo.blogspot.com.br/2011/11/luiz-vincente-de-souza-queiroz.htm>